



XII COLOQUIO NACIONAL E V COLOQUIO INTERNACIONAL DO MUSEU PEDAGÓGICO



26 A 29 DE SETEMBRO DE 2017

ISSN: 2175-5493

BULLYING: PERCEPÇÕES DOS DISCENTES DO IF BAIANO – CAMPUS ITAPETINGA

Cátia Brito dos Santos Nunes¹

INTRODUÇÃO

A pesquisa foi realizada durante o Curso de Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade e tem por objetivo geral analisar como o fenômeno da violência e suas manifestações são percebidos pelos discentes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – *Campus* Itapetinga. A partir dos relatos elaborados pelos discentes, por meio do percurso fenomenológico, buscamos a compreensão do fenômeno da violência no ambiente escolar, a partir das experiências escolares vivenciadas pelos discentes.

Neste trabalho, procuramos identificar as visões dos (as) discentes acerca da violência como resultantes de um processo de construção histórica, social e cultural e estabelecemos, como objetivo, analisar como a utilização da noção de *bullying* mascara a percepção sobre o fenômeno da violência e interfere na identificação de suas formas de manifestação (preconceito, discriminação, racismo, homofobia, etc.).

A respeito da violência na escola, Éric Debarbieux (2006) considera que tal tema se constitui num desafio científico, político e pragmático, porque não foi, num primeiro momento, uma preocupação administrativa. Ou seja, foi amplamente ignorado, até sua descoberta midiática, fato que ocorreu em diversos países.

Portanto a respeito do tema violência escolar, o maior desafio, ao tratar desse assunto, é incluir ética e crítica racional nesse debate, que, muitas vezes, é direcionado ao exagero dos fatos ou à associação indevida entre pobreza e violência. Para o educador:

Não se trata de encontrar a violência por todo o lado, mas, pelo contrário, de fazer uma avaliação real, sabendo, se for necessário, dizer: isto aqui não é um problema prioritário e existem outras questões educativas ou sociais que são bem mais importantes. (DEBARBIEUX, 2006, p. 17).

¹ Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (2017). Atualmente é assistente em administração do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano - Campus Itapetinga, Brasil. Endereço eletrônico: cbsnunes@gmail.com



O tema da violência na escola comporta um alto risco de manipulação e de exagero, uma vez que é rentável: vende-se na mídia, através de programas, concursos, patrocínios, fundações, receitas miraculosas, militâncias com boas intenções ou charlatões, segurança privada, medicamentos, terapias etc.

Numa perspectiva diferente daquela que costuma ser aventada pela maioria dos pesquisadores que se dedicam ao assunto, compreendemos a noção de *bullying*, conforme a definição elaborada pela socióloga Estela Scheinvar (2012), qual seja, um enquadramento, no qual costumam ser encaixadas, de forma generalizada, várias situações e relações, geralmente sem se levar em conta suas características específicas das diversas formas de violência:

Uma categoria que de imediato aponta para agressores e vítimas, encaminha para um tribunal – seja do Poder Judiciário ou das redes institucionalizadas –, define *a priori* uma situação de conflito, demarcando papéis e lugares fixos antes mesmo de conhecer os detalhes ou, sobretudo, de abrir-se às possíveis múltiplas considerações sobre um acontecimento. [...] Ao se enunciar a categoria *bullying*, fica tudo subentendido... e nada fica esclarecido. (SCHEINVAR, 2012, p.49-50).

Trata-se de uma noção que apresenta conteúdo impreciso e carregado de subjetividade, como, por exemplo, a suposta inexistência evidente de alguma justificativa para o conflito, a necessidade de reiteração da conduta, como se a quantidade de repetições fosse decisiva para determinar a relevância do insulto e a ocorrência de relações desiguais de poder, que estaria condicionada a uma avaliação estritamente subjetiva. Para Debarbieux (2006, p. 108), “a noção de *bullying* não esclarece senão uma parte do fenômeno” e, portanto, não considera as outras manifestações de violência nesse ambiente e suas causas específicas.

Ademais, o enquadramento que pode ser dado a toda e qualquer situação concreta exclui a naturalidade e as especificidades das relações sociais. Nesse sentido, ressalte-se que a própria utilização (importação) de uma categoria surgida em países escandinavos, chegando ao Brasil diretamente da cultura estadunidense² – e, portanto, de uma realidade cultural absolutamente diversa da realidade brasileira –, configura essa generalização violadora. Podemos observar que, através de séries e filmes produzidos nos Estados Unidos e reproduzidos no Brasil, o chamado *american way of life*³ (HISTÓRIA LIVRE,

2 Ressaltamos que as primeiras pesquisas sobre o tema ocorreram nos anos de 1970, na Noruega, com Dan Olweus, da Universidade de Bergem, estabelecendo critérios de identificação e incidência (FANTE, 2005).

3 É o modo de vida norte-americano propagado pelos EUA durante a Guerra Fria, valorizando o capitalismo e depreciando o socialismo. Estabelece uma lógica de vencedores e perdedores, seguindo o modelo de



2015) – paradigma da sociedade liberal – ganha grande penetração entre crianças e jovens brasileiros. Assim, construções subjetivas foram aproximando países com condições, culturas e práticas escolares tão diferentes.

METODOLOGIA

A escolha dos sujeitos entrevistados foi feita a partir dos 21 registros ocorridos no período de 2013 a 2015⁴, incluindo-se os (as) discentes que realizaram os registros e os que foram citados (as) nos relatos das ocorrências. Fizemos opção pelos (as) discentes matriculados (as) na terceira série do curso técnico de nível médio em agropecuária, na modalidade integrada⁵, por serem eles (as), naquele momento, os (as) que estavam há mais tempo na instituição. Foram identificados (as), portanto, um total de 23 discentes.

Dos discentes mencionados acima, um total de 15 foram entrevistados (as), porque um se negou a conceder a entrevista. Cinco haviam pedido transferência, sem identificar a razão para tal, e dois pediram transferência, informando, como razão, a ausência de identificação pessoal com o curso. As entrevistas ocorreram no período de 30/11/2015 a 29/01/2016.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O principal aspecto que observamos é que a utilização da noção de *bullying* mascara os processos sociais inerentes aos comportamentos e condutas enquadradas como tal, deixando de analisar as formas específicas de organização da sociedade, as quais

competitividade do sistema econômico, segundo o qual alguns ganham e outros precisam perder.

4 Assim, como nos outros *Campi* do IF Baiano, no *Campus* Itapetinga existe um setor denominado Coordenação de Assuntos Estudantis (CAE), que, dentre outras atividades, tem como atribuição o registro e o acompanhamento de ocorrências indisciplinadas, conforme as disposições contidas no regimento disciplinar no *Campus*. Assim, qualquer membro da instituição escolar (alunos (as), servidores técnicos e docentes) pode comparecer ao setor para formalizar na ficha de ocorrência disciplinar o fato, devendo se identificar e elaborar o relato da ocorrência e, quando houver ou for conhecida, a identificação dos (as) envolvidos (as).

5 Na modalidade integrada, o aluno faz simultaneamente o ensino médio e o curso profissionalizante da área técnica, na mesma instituição de ensino, efetuando-se matrícula única para cada aluno. O IF Baiano – *Campus* Itapetinga oferta, ainda, os cursos técnicos de nível médio em Alimentos e em Tecnologia da Informação, ambos na modalidade subsequente, ou seja, destinada a quem já tenha concluído o ensino médio.



permitiriam um impulso crítico e uma melhor interpretação das múltiplas tensões.

Por exemplo, no trecho abaixo transcrito, o discente, questionado se já havia presenciado situações de violência, estava relatando uma situação de agressões verbais que constituem ato de racismo. Porém, o define com a noção de *bullying*:

Presenciei. Assim, eu tinha um colega que ele era negro. E era de vários apelidos que davam a ele. (A, masculino, 17 anos).

Noutra narrativa, tal noção é percebida como sinônimo de violência verbal:

Tipo de violência, que eu presenciei, lá na escola, era muito verbal. Era mais tipo *bullying*.

E o *bullying* foi aqui dentro da escola, que, toda vez que juntava um grupinho, em era num corredor, ou era lá pra dentro, perto das salas, e eles pegavam, toda vez que passavam eles gritavam, xingavam (B, feminino, 18 anos).

Na narrativa de C, a noção de *bullying* foi utilizada para definir a discriminação sofrida por causa do excesso de peso corporal, e, ainda, como sinônimo de não violência, que para ela só estaria condicionada a existência de agressão física:

Quando eu estudava na sexta série, teve uma coisa comigo em relação ao *bullying*, porque eu era mais cheinha e ficavam me chamando de gordinha e botando apelidos, mas foi só isso, só. Nada de violência, assim. (C, feminino, 19 anos).

Podemos observar que, para C, a não definição do ato como violência será resultado da sua reação diante do acontecimento. De maneira diversa, D apresenta relato impreciso sobre a ocorrência de sofrimento pessoal:

Primeiro, o *bullying*, né? Eu não digo que eu sofri *bullying*, porque isso não me afetou muito.

Mas eu sofri, de qualquer forma. E você ter sido posto de lado, primeiro por não ter condições financeiras... Eu estudava lá porque minha mãe, meu pai e meu avô que contribuíam para eu permanecer lá. (D, masculino, 18 anos).

Na segunda parte do relato, podemos verificar que a noção de *bullying* utilizada pelo discente mascara uma situação de discriminação em razão de sua condição econômica em relação às condições dos outros colegas na instituição de ensino privado em que estudara



anteriormente.

E, em sua narrativa, ressalta a insatisfação diante do tipo de brincadeira feito por alguns colegas em razão de sua aparência. Porém, podemos verificar, a partir dos dois registros realizados pelo aluno na Coordenação de Assuntos Estudantis – os quais ocorreram no intervalo de um mês –, que o discente reiteradamente classifica as ocorrências como *bullying*:

Acho que era um tipo de brincadeira que eles tentavam fazer, mas que eu não gostava muito. Até porque eu sou um pouco peludo, aí me chamavam assim: “ah, seu peludão, não sei o quê...” Eu era bem tímido no primeiro ano, eu não gostava muito desse tipo de brincadeira comigo, entendeu? (E, masculino, 17 anos).

Já no relato de F, tal noção é exemplificada e conceituada como sinônimo de maus tratos a uma colega:

Isso é *bullying*. É destratar um colega por um problema que ele tem. (F, feminino, 18 anos).

CONCLUSÕES

Dessa forma, entendemos a noção de *bullying* como uma predefinição e um prejulgamento de lugares, intenções e efeitos. Assim, os acontecimentos são enquadrados em uma lógica definida anteriormente à sua existência, perdendo sua espontaneidade e as múltiplas lógicas que o atravessam, para serem subsumidos em uma única e restrita possibilidade.

Os diferentes modos de viver uma situação de enfrentamento e de tensões advindas de provocações corriqueiras entre discentes no espaço escolar, assim como as variadas formas de resolvê-los, tudo isso é reduzido à forma *bullying*, retirando todo o caráter plural e, ao mesmo tempo, singular e criativo dos agenciamentos coletivos que constituem o viver. Produz-se uma dicotomia de fácil acesso pela simplificação que ocorre: vítima e agressor.

Palavras-chave: Violência escolar. Enquadramento *bullying*.



REFERÊNCIAS

DEBARBIEUX, Éric. **Violência na escola**: um desafio mundial? Tradução Teresa Katzenstein, Lisboa: Instituto Piaget, 2006.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para paz. Campinas: Verus Editora, 2005.

SCHEINVAR, E. (2012). Conselho tutelar e escola: a potência da lógica penal no fazer cotidiano. **Psicologia & Sociedade**, 24(n. spe.), 45-51.

<http://www.historialivre.com/contemporanea/entreguerras.htm> Acesso em 08/07/2016.